

O ENSINO NA PÓS-MODERNIDADE: LIMITES E POSSIBILIDADES

*Maria de Lourdes Abrantes Sarmiento
Rosemere Olímpio de Santana*

RESUMO

O artigo em questão discute como o ensino é pensado no contexto pós-moderno, no entanto, aponta como ainda vivenciamos a prática escolar a partir de uma experiência moderna. Nesse sentido, se faz de suma importância analisar esse debate, uma vez que, inúmeros trabalhos já apontam o distanciamento do conhecimento escolar do cotidiano e vida dos alunos. Analisar como a mídia, a tecnologia e os discursos em torno das diferenças sócio-culturais são importantes para se pensar esse novo contexto é de fundamental importância para entendermos o contexto pós-moderno e o ensino.

Palavras-chave: Pós-modernidade. Modernidade. Ensino

ABSTRACT

The article in question discusses how teaching is thought in postmodern context, however, points to still experience the school practice from a modern experience. In this sense, it is of paramount importance to analyze this debate, since numerous studies already point the distance of school knowledge and everyday life of students. Analyze how media, technology and speeches around the socio-cultural differences are important to think about this new context is crucial to understanding the postmodern context and teaching.

Key-words: Postmodernism. Modernity. Education.

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente texto é discutir acerca do ensino no contexto da pós-modernidade. Para tal intenta-se delimitar o conceito de pós-modernidade e pensar a representação do professor, do aluno e do ensino nesse contexto.

O pós-modernismo não é um conceito aceito por muitos estudiosos da sociedade. Para os que defendem o conceito entendem que a modernidade, colocou em suspeição os principais pilares que a sustentava. Entretanto, “O pós-modernismo não se limita a atacar os fundamentos do pensamento moderno” (Silva, 1999, p.114). Caracteriza-se, entre outras coisas pelo reconhecimento da impossibilidade de pretensão de verdades e pela exaltação da diferença e das descontinuidades.

Para essa nova discussão nada é imutável ou fixo conseqüentemente nenhuma percepção é única. “O pós-modernismo assinala uma mudança em direção a um conjunto de condições sociais que estão reconstituindo os mapas social, cultural e geográfico do mundo (...)” (Giroux, 1993 Apud Moreira, 1997, p.15). Os pós-modernos invalidam as metanarrativas e reconhecem que todo discurso é perpassado por relações de poder.

Se na modernidade optava-se pelas generalidades, no espaço pós-moderno prima-se pelas subjetividades. O pós-modernismo imprime uma verdadeira reconfiguração nas práticas e representações da sociedade. Não só o mundo mudou, mas os sujeitos também mudaram as necessidades e as buscas de cada indivíduo também.

Pretende-se, aqui, contemplar a influência dessa condição histórica no ensino, conseqüentemente refletir acerca do ensino no contexto da pós-modernidade. Essa nova realidade traz consigo um leque de possibilidades para a educação. Ao passo que exige uma série de mutações, para que esta se adéqüe as necessidades desta nova realidade.

1. ENSINAR E APRENDER NA PÓS-MODERNIDADE

Se com o advento da pós-modernidade houve transformações no contexto sócio-histórico, nas concepções de verdade, concomitantemente o contexto epistemológico, o ensino precisa ser repensado em consonância com as novas subjetividades e necessidades dos sujeitos e do mundo. Caso contrário permanecerá obsoleto, visto que o ensino parece estar organizado nos moldes da sociedade moderna. Segundo Albuquerque (2010, p.03):

A escola moderna foi ideada como uma instituição que deveria formar o cidadão burguês (...). A escola prometia preparar cidadãos, pessoas que amassem a pátria, que amassem a espécie, que estivessem dispostas a se sacrificar em nome do bem público, em nome de sua pátria, em nome da humanidade.

Nessa perspectiva os objetivos da escola moderna não coincidem com as nossas atuais demandas. Quem está em nossas salas de aulas não são burgueses ávidos por princípios cívicos, mas indivíduos diversos, com necessidades e especificidades próprias e somente a apreensão de ideais humanistas torna-se inútil para eles. A escola moderna desconsidera e ignora o Aprender a conhecer (pressupõe os processos cognitivos básicos para a construção de um saber crítico), o Aprender a fazer (abrange a mobilização dos saberes), Aprender a conviver(compreende a aquisição de atitudes indispensáveis para a convivência nas diferenças) e o Aprender a ser(referente a construção de capacidades como autonomia, interação e cooperação).

A muito para se repensar, inclusive a própria concepção de ensino, tendo em vista que “O modo como os professores entendem o que é ensinar afeta grandemente o que efetivamente fazem na sala de aula” (Hirst, 2001, p.65-66). É inviável repensar o ensino, sem antes repensar as próprias concepções que regem e norteiam a atividade de ensinar. Nossas

práticas partem de lugares de elaboração e de entendimento a respeito do que é ensino e aprendizagem.

Não há mais espaço para um ensino que transmite verdades e saberes prontos e acabados, visto que a pós-modernidade solapou o ideal de verdade e de certeza. Um ensino não questionador escraviza intelectualmente os alunos, porque o condiciona a aceitar dogmas e a não criar suas próprias representações.

Esse desajuste do ensinar deve-se principalmente ao fato de que “Nossas noções de educação, pedagogia e currículo estão solidamente fincados na Modernidade e nas idéias modernas” (Silva, 1999, P.111). Como consequência desses desajustes a instituição escolar padece de uma série de dificuldades, entre elas a perda de importância e significado para a sua clientela. Para Canário (2006):

A construção de uma “outra” educação que represente uma saída positiva para as dificuldades atuais supõe a nossa capacidade de agir em dois sentidos que, já na aparência, são contraditórios. Por um lado, agir no sentido de superar a forma escolar, e, por outro, agir no sentido de reinventar a organização escolar, o que implica um terceiro eixo de ação, o de construir uma nova legitimidade para a educação escolar.

Nesse sentido, para o autor a grande questão que se coloca é a construção de uma nova educação, o que pressupõe a emergência de novas bases, objetivos e propostas. Essa reconfiguração deve se dar a partir da reinvenção da organização escolar, que pressupõe a busca de uma reforma nos pilares, na organização e nas articulações da instituição escolar. Para isso é preciso investir a educação de um novo sentido, que a legitime perante as nossas necessidades de nossa realidade. “Para recriar este novo sentido para o trabalho escolar, três orientações me parecem fundamentais: estimular o gosto pelo ato intelectual de aprender, aprender pelo trabalho e exercer o direito à palavra”. (Canário, 2006, p.20).

A própria concepção do aluno de perceber a ser escola precisa sofrer mutações. Parte dos alunos vê na escola um espaço de um lugar de controle e de pesada responsabilidade e a atividade de estudar como algo extremamente penoso. No interior das salas de aulas parecem perder a curiosidade que lhes são peculiares.

Em uma sociedade fundamentada na diferença e nas múltiplas identidades é inviável um ensino articulado na homogeneidade, desconsiderando assim as alteridades, as diversidades e as diferenças. A escola tem se mostrado resistente a “Abrir-se para o outro, para o diferente, para o estranho, para o estrangeiro, para o não-sabido, o não-pensado, o não-

valorado” (Albuquerque, 2010, p.09). Tal instituição reluta em colocar em perspectiva o diferente, o singular.

Se a sala de aula é uma janela aberta para o mundo e para a sociedade e ambos são multifacetados, não faz sentido o currículo ainda silenciar as diferenças e as diversidades. Nesses termos, não faz sentido não falar sobre gênero, sexualidade, mulheres e índios e negros. “A espacialidade da modernidade e o espaço escolar insistem em ser como irmãos de sangue (...) que só buscam restringir o outro para longe de se território, de sua língua, de sua sexualidade, de seu gênero” (Skliar, 2003, p.45).

Um dos indicativos de necessidade de mudança de mudança da escola e do ensinar é o fato de que a pós-modernidade produziu novas identidades , novos sujeitos e novas demandas, conseqüentemente temos um novo tipo de aluno, com novos anseios, novas inquietudes e novas necessidades. A gênese desse novo aluno dá-se num mundo globalizado e tecnológico, conseqüentemente ele está muito mais próximo das mídias. De acordo com Green e Bigum (2009, p.214):

Um novo tipo de subjetividade humana está se formando; que, a partir do nexos entre a cultura juvenil e o complexo recentemente global da mídia, está emergindo uma formação de identidade inteiramente nova. Descrevemos esse fenômeno, por enquanto, e com toda a dúvida devida, utilizando o termo ‘subjetividade pós-moderna’, compreendendo por isso uma efetivação particular da identidade social e da agência social, corporificadas em novas formas de ser e tornar-se humano.

A partir dessa assertiva, percebe-se que na pós-modernidade surge um novo tipo de subjetividade humana, conseqüentemente temos novas formas de “ser aluno” e isso requer novas formas de ensinar e aprender. Partindo do pressuposto de que essa nova subjetividade mescla cultura juvenil e mídia, o ensino que não contemplar esses fatores tornará insignificante para os alunos. Assim sendo, um currículo que não envolva a cultura juvenil e as mídias dificilmente será significativo para os jovens.

Percebe-se assim a emergência de um novo tipo de estudante, o estudante pós-moderno, com novas capacidades e necessidades. Essa conjuntura evidencia ainda mais a inadequação de um ensino pautado na mesmice, que não inova e nem descortina novos horizontes. A aquisição de novas características e novas particularidades, por parte do aluno, cria novas exigências para o ensino e conseqüentemente para o mestre.

Nesse contexto de mudanças, se faz necessário um professor com novas posturas e novas práticas. Um professor transmissor, que apenas reforça verdades, discursos e dogmas,

não saberá lidar com as novas capacidades e necessidades do estudante pós-moderno, nem tão pouco saberá lidar com as possibilidades que a atual realidade oferece. Não há espaço para um professor que não questiona nem elabora novos saberes.

O professor moderno disciplina, o professor pós-moderno provoca. O docente pós-moderno é atualizado e está sensível as mudanças que ocorrem no seu campo de atuação, visto que “O professor que não se atualiza, que não está a par com o que ocorre nesses contextos midiáticos, rapidamente se torna um professor obsoleto (...)” (Albuquerque 2010, P.11). Se o mundo está em constante transformação, a sala de aula não está abstraída de tais mudanças e o professor não pode ignorá-las.

Se na modernidade o professor era o centro no processo de ensino-aprendizagem e o aluno apenas um mero receptor, agora tudo isso se modifica. Agora, ambos são corresponsáveis nesse processo e o aluno não é mais considerado uma folha em branco que precisa ser preenchida. O professor não é mais o detentor de todos os saberes, o passo que aprende junto com o aluno. O educando possui conhecimentos e é capaz de criar suas próprias representações. “Revela-se crucial a capacidade de escutar e estabelecer formas de metacomunicação com os alunos (comunicação sobre os processos de aprendizagem) (Canário, 2006, p.69).

No atual contexto o docente tende a lidar com o desafio da incerteza e da complexidade em sala de aula, visto que surgem novas necessidades e novas urgências, calcadas na vivência pós-moderna. A figura do professor tende a se afastar daquele sujeito que tudo resolve e que detém todos os conhecimentos, pelo fato de que a cada instante, no seu espaço de atuação surgem novas experiências e conseqüentemente novos problemas que exigem novas atitudes do professor. “Mais do que um reprodutor de práticas, o professor tem de ser um reinventor de práticas, reconfigurando-as de acordo com as especificidades dos contextos e dos públicos”. (Canário, 2006, p.68)

É preciso pensar outras formas de ser professor, condizentes com as demandas postas pela nova realidade. “Os professores e as professoras não podem ser vistos como técnicos ou burocratas, mas como pessoas ativamente envolvidas nas atividades da crítica e do questionamento, a serviço do processo de emancipação e libertação” (Silva, 1999, p.55). Assim, não cabe mais pensar o professor com um burocrata que aplica velhas técnicas em uma realidade recorrentes. Faz-se necessário um professor com intervenções criativas e inovadoras.

Fica clara a necessidade de ruptura, de transição e de mudança nas formas de ensinar. Se os sujeitos mudaram e a realidade também, a educação não pode ficar reféns dos velhos princípios e das antigas práticas. Não faz sentido o ensino permanecer articulado aos princípios de uma realidade obsoleta. O ensino precisa estar articulado a nossa condição pós-moderna, para atender as exigências sociais. “É a educação, por acaso, o império da mesmice e a desolação da alteridade” (Skliar, 2003, p.45).

2. A GUISA DE CONCLUSÕES PROVISÓRIAS

A partir do exposto fica claro que se faz urgente estabelecer novas formas de ensinar e de ser professor. É preciso primar por um ensino inovador e significativo; um ensino problematizador, contestador de certezas e de imposições. É necessário que o ensino que concede verdades e certezas seja substituído por um ensino que forneça dúvidas acerca do que é considerado natural, certo e bom.

A educação na pós- modernidade precisa privilegiar as alteridades, o estranho, o não-dito e o não- pensado. Dessa forma devem-se extirpar as homogeneidades e considerar as diferenças e descontinuidades.

Senão haver uma reconceptualização do ensino, no sentido de modificar as formas de ensinar, para que estas atendam as necessidades dos estudantes pós-modernos, a escola permanecerá obsoleta e estranha ao contexto da sociedade atual e ao universo dos alunos.

É inconcebível um currículo voltado para alunos que estão inseridos em uma sociedade diversificada e multifacetada ainda silenciar as diferenças, bem como um currículo direcionado a estudantes imersos na cultura digital ainda não inserir a informatização e a tecnologia no seu bojo.

No contexto educacional de nossa atual condição histórica se faz necessário que os professores assumam a postura de intelectual transformador, que questiona e confronta diversas abordagens. Essa novo contexto oportuniza novas possibilidades e dessa forma não deve ser visto como um aprisionamento e sim como m leque de possibilidades para a práxis pedagógica do professor.

Nessa nova realidade o ensino deve se voltar e abrir-se para o novo, para o improvável e descontínuo, pois é preciso sair dessa zona de mesmice que só leva a antigas práticas para trilhar novos caminhos e novas formas de aprender e ensinar, que garantam uma aprendizagem múltipla e dinâmica.

É imprescindível estar sensível para as novas configurações sociais tragas pela pós-modernidade, visto que estas reconfigurações atingem o ensino e as formas de ser professor e aluno. No entanto, só saber não basta, é preciso agir e transformar; Transformar o ensino no sentido de aproximá-lo com as demandas do contexto e dos alunos pós-modernos.

Se faz necessário criar novas possibilidades de ensino, ao passo que é urgente a emergência de novas propostas pedagógicas capazes de conceber novos princípios educativos capazes de entre outras coisas extirpar as raízes da pedagogia moderna, que insiste em habitar em uma educação de um mundo pós-moderno.

Ao passo que surgiu e surge novas demandas e dificuldades educacionais e pedagógicas, frente ao contexto pós-moderno, as práticas pedagógicas modernas não dão conta. Assim sendo, é importante que todos os professores invistam em novas possibilidades para no sentido de adequar o ensino as especificidades do nosso momento.

Ainda há muito a ser dito e pensado. Os debates sobre isso estão longe de terminar, se é que terminarão. Mas o importante é ter em mente que o ensino precisa passar por uma metamorfose, bem como praticar ações para concretizar esse ensejo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Por um ensino que deforme: o docente na pós-modernidade. In: Áurea da Paz Pinheiro e Sandra C. A. Pelegrini. (Org.). **Tempo, Memória e Patrimônio Cultural**. 1 ed. Teresina: EDUFPI, 2010, v. 1, p. 55-72..
- CANÁRIO, Rui. **A Escola tem futuro? Das promessas às incertezas**. Porto Alegre: Artmed, 2006
- GREEN, Bill; CHRIS, Bigun. **Alienígenas na sala de aula**. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- HIRST, Paul. **O que é ensinar**. In.: Cadernos de História e Filosofia da Educação. Lisboa: v.6, 2001.
- MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. **Currículo, Utopia e Pós-Modernidade**. In.: MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. Currículo: Questões Atuais: Campinas, SP: Papyrus, 1997.
- SILVA, Tadeu Tomaz Da. Documentos de Identidade: Uma Introdução às Teorias do Currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- SKLIAR, Carlos. **A Educação e a Pergunta pelos Outros: Diferença, Alteridade, Diversidade e os Outros "Outros"**. In.: Revista Ponto de Vista. n.05, Florianópolis: 2003.
- VASCONCELOS, José Antonio. **Quem Tem Medo de Teoria? A Ameaça Pós-Modernismo na Historiografia Americana**. São Paulo: Anablume, Fapesp, 2005.